

CAPITULO III

OS «DITOS DA FREYRA»

«Pratica por limada e recreada que seja, se nam he verdadeira he enfadonha. Ha mister muyta paciencia quem conversar pessoas pro'uxas e solobras».

*(«Ditos da freira D. Joana da Gama»).*

**C**omo descônto de alguns dos muitos pecados literários que certamente virão a pesar neste singelo estudo, invoco as palavras que servem de lema ao presente capítulo.

Invoco-as ao falar dum livrinho de sessenta folhas inumeradas, dado á estampa por uma freira de Évora que morreu no último quartel do século XVI;<sup>62</sup> ao falar dum livrinho inútil, absoluta e sufocantemente mal composto num estilo que está longe de ser límpido, mas que, por inesperada coincidência, traz explicados os motivos da negativa admiração que desperta. É a própria autora quem, numa lingua que porventura ela consideraria «chá», assevera «que se não pode receber bem o que se entende mal» e quem reconhece quanta dose de paciência é necessária para sofrer pessoas «proluxas e solobras».

Para lermos os «Ditos da Freyra» tornou-se necessário, até certo ponto, semelhante alento, porque a verdade é que D. Joana da Gama, em cuja biografia um autor moderno<sup>63</sup> quis adivinhar algum impressionante romance de paixão, não possuía oculto em si aquêlo fogo divino que pode permitir aos lábios humanos serem intérpretes da verdadeira sabedoria. A alma serena de Confúcio, de La Bruyère, de

La Rochefoucauld, de tantos pensadores que pretenderam ensinar a viver, não era gémea da assustadiça alminha desta excelente dama que, em incerto momento dos alvares do século XVI, nasceu de pais nobres, numa pálida vila do Alentejo.<sup>64</sup>

Depois de se ter percorrido a monótona biografia de Joana da Gama e de se ter lido com corajosa atenção os seus «Dictos diversos postos por ordem de Alfabeto com mais algumas Trovas, Vilhancicos, sentenças e avisos morais», parecerá rasoavel aceitar a sua obra, já aparentemente imodesta, apenas como um entretenimento de tantas horas de interminos vagares que sempre sobejam no viver monacal.

Conforme se lê na «Bibliotheca Lusitana» do Abade de Sever<sup>65</sup>, a freira dos «notaveys» ditos, quando ainda não era freira nem se lembrava de ir tomando nota dos seus ingenuos pensamentos, foi casada, apenas durante ano e meio, com um obscuro fidalgo alentejano, de cujo nome não reza a crónica.

Uma vez «liberta do vinculo conjugal e anhelando a estado mais perfeito», fundou na cidade de Évora um recolhimento intitulado do Salvador do Mundo, para o qual se retirou com algumas companheiras, tôdas dispostas a observar a regra dos conventos franciscanos. Ai se demorou, talvez por dilatados anos, até que uma impiedosa ordem do cardeal D. Henrique mandou demolir, «para maior extensão do Collegio dos Padres Jesuitas», a morada tranqüila «que o seu espirito elegera para se dedicar a Deus».

Ao passo que as suas companheiras eram mandadas retirar para as moradas familiares, D. Joana da Gama, saudosa do humilde cenário que enquadrara a scena muda da sua vida sem entrecho, sujeitava-se, por decreto divino — depois de ter escrito o seu testamento —<sup>66</sup> a refugiar-se num mundo ainda mais tranqüilo, onde nenhum inquisidor-mór a pode-

ria importunar, porque nêle reinava a Morte, que no seu dizer é «uma vencedora universal que dá fim a fadigas todas».

Foi durante o tempo em que habitou em comunidade que a discreta senhora teve a desculpável idéa de coligir as suas sentenças e a inacreditável lembrança de as reunir por ordem alfabética, como se fosse crível que as misérias morais, como as mazelas físicas, pudessem ir procurar num metódico formulário as milagrosas mézinhas que as devessem sarar.

Como hoje nos parece estulta a prosápia da nossa caricatural Santa Tereza de Jesus!

E, no entanto, todo o livrinho de D. Joana da Gama não tem, mesmo dentro do seu arrumo e da sua ousadia, um ar agressivo nem fátuo. A própria autora nos diz, sem mais rodeios, a razão porque aparecem os seus «Ditos»: «eu os fiz para nam me esquecerem e communiqueyos com minhas companheiras».

Arrastados pelo involuntario anátema que da parte da gente moça sobre si atraem as figuras que se moveram em ambientes já irrespiráveis, nós, eu e os leitores da minha geração, estamos a ver a sentenciosa D. Joana, muito cheia da sua recta pronuncia, lendo, com voz de prêgador e com solenes e cadenciados meneios de cabeça, a succulenta collecção dos seus «ditos e avisos» que, com não aconselhável modestia,<sup>67</sup> ela deixou baptizar de «notaveys» e considerava como «necessarios». E porque, em sua volta, a «pensadora» vê apenas que as suas irmãs de clausura — com as mãos escondidas nas mangas largas dos hábitos, e decerto lutando contra alguns ataques suporíficos provocados pela voz da leitora — só teem murmúrios de aprovação e de deleitado reconhecimento, resolve-se a deixar que as suas palavras corram mundo, impressas nas officinas eborenses de mestre André de Burgos.

E' tão legítima e humana a inocente veleidade que levou a engenhosa senhora a reunir as suas máximas e aforismos, como é natural que as companheiras que ela acaso livrara das embuscadas do mundo, nem ousassem discernir o que haveria de muito banal ou de meros sedição nessas narcóticas páginas que a bemfeitora e amiga compuzera.

E nada tem de antipática ou de irritante a inofensiva prosápia duma autora que — seja dito em abôno da verdade — chegou a usar duma auto-crítica relativamente severa: «por conhecer minha insuficiência, corro-me de escrever cousas sottiis».

Não será ela quem nos procurará iludir sobre as causas que estimularam o curto vôo do seu genio; não será ela quem ha-de vir apresentar-se como uma predestinada intérprete da voz da Sabedoria que, no decorrer dos séculos, mostra por vezes o desejo de, pela voz dos homens, se fazer ouvir pelos homens.

A própria D. Joana da Gama confessa que se se recorreu do seu velho gôso pelas letras e lhe ocorreu aquela idéa de escrever, foi apenas para matar o tempo, como se poderia lembrar de ir fazer cozinhados ou bordar flores nas toalhas dos altares: «Vim achar na penna descanso, nunca me d'elle servira se mo nam ensinaram huns livrinhos que escrevi sem saber mais letras que as do A. B. C. por fogir ao grande pejo de males, que he a ociosidade». <sup>68</sup> Não admira, portanto, que, escritas com semelhante intenção e sob o jugo dum tão quebrado estímulo, as palavras de Joana da Gama — amortecidas ainda pelo beatífico silêncio dum recolhimento provinciano — não consigam subir, num arranco genial, até aos pinaros virgens onde ascendem as águias reais.

Contentemo-nos com o que ela nos deixou e, sem qual-

quer descabido e injusto desdêm, folheemos as sessenta folhas inumeradas daquela espécie de dicionário moral de que ela nos fez mercê.

Ha ali de todos os remédios para as almas; ha ali de tudo, como em botica bem afreguezada. Ha mesmo os medicamentos prescritos pelos mais antagónicos sistemas therapeuticos, visto que ao passo que a estima e o amor são apontados, em alguns «ditos», como dignos de tôda a execração e como fonte dos peores males, aparece-nos, oculta mas implicita em algumas frases mais caridosas e mais cristãs, uma apologia á verdadeira amizade e aos mais nobres e completos sentimentos que ela pode fazer nascer.

Assim, começamos por sentir o egoismo que transborda de conselhos tão pouco amoráveis como aquêlles onde se clama que «Quem leva por guia a afeição, não pode acertar bom «caminho, ha o de levar errado, ha de yr dar em barrancos; se forem pecos ahí ficarão atolados. — Em se querendo «começar d'acender qualquer faisca de amor, se ha logo de «matar, porque he tam con rario á honra, como a agoa de «fogo — Onde amor deyta rayzes, por mais que tempo o vá «adelgacando he muy mao de desarreygar: prende inquieta- «mente, e dispõe de verdade; ha de se fogir d'elle como do «demonio, que he autor de quantos males fazemos».

Mas não é sem estranheza que, depois de tão cruas afirmativas, observamos que a mesma pena soube sustentar opiniões mais piedosas e mais humanas, com uma verdade que parece ditada por um saber de experiências feito e que é agradável de ouvir, mesmo expressa dentro duma tão arrojada estrutura ortográfica e gramatical: «O mal que vedes «em quem leades amor, doe-vos nas entranhas, como que o «livesseis nellas. E se sam tachas nam lhas enxerguês, e os «seus erros nam vos parecem tamanhos como os dos outros». — O amor faz parecer todas as cousas razoaveis, e

«não ha ali arnez que nos defenda d'elle» — «O que amamos, vai nos parecendo cada vez melhor, não por que cresce em mais perfeição, mas cresce o amor, e multiplica-se o gosto»,

Não se julgue porêem que todo o livrinho está cheio de contradições, aliás quasi inevitáveis em tão complexo capitulo da história dos sentimentos.

Manda a justiça que reconheçamos haver um certo e sincero conhecimento do coração humano no espirito a que ocorreram idéas que nem por já serem hoje lugares comuns do pensamento, deixam de representar um esforço para obter qualquer verdade psicológica que porventura se tinha na conta de inédita ou de original; a título de exemplo, transcrevo alguns dos ditos mais «profundos»: «Huma dor se he grande suspende todos os sentidos, que nenhum «pode fazer seu officio. A grande dor e tristeza fecham as «portas ao prazer, não no deixam entrar: alguns vam visitar os anojados, nam tanto polo consolar, como por se consolar com elles, que algum allivio dá ter companhia nos pesares — Os gostos que por força ham de fugir, he melhor «fogil-os e engeytal-os, que os contentamentos passados «tam dando tratos de lembranças que martyrizam a vida, e «nam servem de mais que de a darem.<sup>69</sup> — Humas pessoas «ha tam metidas por dentro que se as nam tocam como «tromentos não se sabe se sabem — Não ha cousa nesta vida «tam perfeita que nam tenha que limar: onde vay o ferro, «la vay a ferrugem — Cuidados e temores estam mais vivos «nos vivos de engenho —<sup>70</sup> Hum cuydado grande deita fóra «todplos outros».

A intenção de sintetizar todo um pensamento na sabedoria dum ditado que tivesse o seu cunho popular aparece nitida numa ou noutra sentença mais curta e em que, por vezes, se nota uma concordância rimica, como acontece, por

exemplo, nos seguintes aforismos: «ninguem pode querer bem de siso a quem o nam tem — Folgam os bons de dizer bens; medem os outros com as virtudes que em si tem. — Qualquer estado he bem, se contenta a quem o tem — Se nam temos o que queremos, queiramos o que podemos».

Os ditos que transcrevi, e poucos mais, são o «melhorinho» do que se encontra no formulário moral da nossa amena e comedida filósofa, que consegue — apesar da sua tão atribulada gramática — dar á sua maneira de dizer um arranjo agradável, onde é facil perceber ainda uns leves ressaibos de arcaismo vernáculo.

D. Joana da Gama, poetisa, com seu labor métrico representado em algumas páginas que se sucedem ás das sentenças, mostra-se, não obstante o seu inveterado e arrelhiador sestro de querer endireitar o mundo por meio de conselhos rabujentos, bastante superior á já conhecida D. Joana da Gama, pensadora. Pondo já de parte os seus sonetos, que são a quinta essência dum desconchavo pseudo poético, é talvez possivel encontrar na sua muca qualquer pormenor apreciável e que, mesmo dentro dos recursos da chamada «filosofia barata» — que já tem sido o bordão de tantos vates — não deixa de apresentar uma relativa graça, cuja origem devemos procurar na naturalidade de algumas redondilhas.

Dessas redondilhas transcrevo algumas em que a sentenciosa autora põe a Razão a «dar para baixo» no sentimento:

A RAZÃO

.....  
em grande desventura  
tenho eu expremetado  
que tem o tempo curado  
cousas que nam tinham cura».

Na mesma poesia encontra-se ainda a mesma idéa, repetida com igual e tão agradável clareza:

A RAZÃO

.....  
muytas voltas dá o tempo  
no que impossivel parece:  
dar-nos-ha contentamento  
no que nos mais entristece:

Conviria talvez aceitar como um simples sintoma de mau humor e de caturrice, alguns desconsolados passos poéticos em que D. Joana procura convencer o mundo de que o seu resguardado coração de freirinha provinciana é um pélagos agitado e convulso, onde as paixões — como ondas em fúria — se atropelam e se emaranham.

Sem se querer, como o autor de «A Mulher em Portugal», adivinhar uma tragédia de amor e de perseguição nas entrelinhas das mal notidas regras que D. Joana redigiu, e sem que se seja obrigado a aceitar a freira moralista como uma incompreendida — atacada por um amargo desencanto de viver, espécie de «spleen» britânico —, não é favor reconhecer-se que D. Joana soube quasi resolver a grande dificuldade de exprimir alguns dolorosos e complexos estados de alma. Quando ela nos diz que:

«O gosto tenho perdido  
e qualquer cousa delle  
me aborrece;  
em pezar he convertido  
o prazer, que cuydar nelle  
me intristece».

.....  
«Comigo me desavenho,  
e qualquer via que siga  
me atormenta...

só não consegue enternecer-nos porque a sua falta de sinceridade logo se atraiçoa, não tanto por repetir temas já nossos e talvez seus velhos conhecidos,<sup>74</sup> como principalmente por cair em tão flagrantes contradições como a que se nos depara em alguns versos quasi visinhos, na sua coleção de «Vilhancicos»:

«O mor mal de quantos tenho  
he nem ter a quem o diga  
que o senta».

.....  
«Este descontentamento  
Eu o tenho todo só;  
Dobrase-me o sentimento  
Em ver haver de mim dó».

No entanto, não é absurdo admitir que a boa senhora tivesse mudado de idéas dum «vilhancico» para o outro e que, se hoje lhe parecia altamente penoso não ter ninguém que lhe recebesse as confidências e a consolasse, não pudesse amanhã parecer-lhe impertinente a voz de alguém que a viesse animar; o coração humano e mormente a alma dos

poetas não têm prosápias de firmes nem estão imunes de incoerências. Mas, a verdade é que qualquer indefinível, qualquer obscura suspeita nos está a dizer que punhamos de remissa a exaltação dolorosa dessa freira quasi sem biografia, que teve a paciência, no beatifico retiro do seu convento alentejano, de coligir receitas para os males do seu semelhante, para males de coração que seriam iguais aos seus e que, portanto, lhe deveriam parecer insusceptíveis de cura.

Que intenso desnorteamento de alma (e de métrica!) não estariam a denunciar—se as tomassemos a sério! — algumas afirmações mais complicadas da nossa exigente D. Joana:

«Vejo o que se deseja  
depois de ser alcançado  
nam contentar;  
nem ha prazer que o seja;  
perdido tenho o cuydado  
de o buscar».

.....

«Nem ha firme estado  
nem de dura,  
nen quem estê segura  
de cuydado:  
tudo o que he desejado  
pode aborrecer;  
o que está por vir ha de ser  
como o passado».

Tudo indica que será desmedida boa fé acreditar em qualquer drama íntimo denunciado por semelhantes confidências, em cujo artifício literário ha mais uma razão para crer, depois de se encontrarem, semeados pelos sonetos e pelas cantigas, alguns comezinhos paradoxos que já acordam a lembrança do alvorecente gongorismo:

«o que eu quero he nan querer nada».

.....  
.....

«a magoa me tem  
em extremo tal  
que acho que he bem  
poder com meu mal».

Guardem-se portanto para outras desgraças as lágrimas de piedade que D. Joana da Gama acaso pretendia provocar. E á nossa simpática moralista, deixemo-la ficar no lugar que lhe compete: no de poetisa secundária e bem intencionada autora de algumas sentenças pouco «notaveys», apenas suportáveis pela ingénua fatuidade que o seu ar solene revela e que, sem ser burlesca, é risonha e convida ao bom humor.

Lavre-se, em vista de tais «considerandos», o julgamento final: Não se pode dizer que D. Joana da Gama escrevesse «pouco e bem», mas tambem seria injusto afirmar que escreveu «muito e mal»; o seu lugar é na antecâmara do discreto salão onde se ouvem as vozes das três ou quatro mulheres de letras que verdadeiramente se fizeram ouvir e aclamar durante o fecundo periodo do classicismo português.